

PEDAGOGIA POR PROJETOS: PRÁTICAS DE PRODUÇÕES DE POEMAS

Fabiana Rosa Vilela de Oliveira Guilherme (UNESP/ RIO CLARO)
Eixo: Materiais Pedagógicos no Ensino e na Formação de Professores

Este trabalho permeia por um relato das transformações da prática de uma professora-pesquisadora de ensino fundamental, durante sua formação teórica, para refletir o processo de aquisição de uma modalidade prática sócioconstrutivista. Optou-se pela escrita em primeira pessoa como um dos recursos de *relato*.

A preocupação em lecionar de forma que atenda ao processo de transformação da Educação a partir da década de 80, no Brasil, com o advento do construtivismo, e aos alunos em sua complexidade pessoal e social foi sendo atuante em minha formação acadêmica e prática educacional.

Mestranda em Educação na UNESP/ Rio Claro/ Brasil. Sete anos de experiência na Educação, sendo quatro anos como efetiva em redes públicas de ensino (três no Ensino Fundamental – crianças de 8 a 10 anos - e um na Educação Infantil – crianças de 5 anos).

O primeiro contato com a Pedagogia por Projetos deu-se, na disciplina Prática de ensino em Educação Infantil, na graduação, em 2001, ministrada pela Prof. Dra. Maria Cecília de O. Micotti. Dois pontos foram negativos para um maior aprofundamento da teoria sugerida “Formando Crianças Leitoras e Produtoras de Texto” (1994) de Josette Jolibert: o tempo restrito e a minha inexperiência como professora, nesta fase de formação inicial. A sugestão de prática na disciplina foi iniciar um projeto de leitura na Educação Infantil, utilizando-se deste referencial.

Trabalhei, no período de estágio, textos poéticos e fichas prescritivas num Pré III com “leituras” por meio de indícios e questionamentos feitos pela professora para chegar-se ao contexto. Buscava transpor a teoria sugerida, mas havia insegurança em trabalhar de uma forma sócio-construtivista, de forma que não tendesse ao sistema mecânico.

Em minha efetiva prática docente surgiram algumas inquietações: como atender aos alunos, formando-os integralmente, transformando-os em bons leitores e produtores de textos, ativos em sua aprendizagem? Como fazer com que se apropriassem dos saberes escolares e aqueles, além da escola, sendo reflexivos e atuantes?

A proposta de trabalho para o ensino atual demonstra ser, claramente, a sócio-construtivista, regida pelas Propostas Pedagógicas das escolas, leis e documentos do Governo Federal que direcionam a Educação: visando a educação para a construção e apropriação dos saberes, na interação com seus pares.

Nessas reflexões e por meio de uma professora, soube do Grupo de Pesquisa em alfabetização em que havia o Projeto “Raios de Sol” na UNESP, coordenado pela Professora Doutora Maria Cecília de O. Micotti, ligado à Red Latinoamericana para la transformación de la formación docente em language.

O aprofundamento teórico reportado pelo Grupo foi de tamanha amplitude que influenciou minha formação e prática docente, impulsionando – me a buscar caminhos no campo de uma Pedagogia sócio-construtivista, pela Pedagogia por Projetos.

Antes, trabalhava questionamentos de texto, com ênfase maior nas questões de localização acima da lógica textual e os projetos desenvolvidos por mim, eram os temáticos. A gramática era dada de forma tradicional, mesmo por que desconhecia como era o trabalho da gramática pela proposta construtivista e se esta trabalhava as particularidades da língua formal.

Micotti (1998, p. 6-8) nos remete a reflexão de que muitas modificações tem sido feitas nos últimos anos, mas as diferenças entre a nova proposta pedagógica e os métodos tradicionais provocam decisões e interpretações práticas diversas.

O planejamento a partir de projetos emerge uma possibilidade de se trabalhar a apropriação do código lingüístico sem deixar de enfocar diferentes áreas do conhecimento e perder a função social, que deve ser proporcionada à leitura e a escrita.

Sabe-se que a aprendizagem inicia-se desde o nascimento e que aprender é interagir com o meio, principalmente se este meio for mediado por um adulto experiente, que saiba proporcionar a construção do conhecimento pelas crianças. Contudo, é inaceitável a postura de um professor mero transmissor de conhecimentos ou aquele expectador, deixando as crianças “construírem” sozinhas as suas aprendizagens. Na proposta sócio-construtivista, a mediação proporciona às crianças a transformação das informações do meio em saberes.

Iniciei o Planejamento Escolar, para uma terceira série (8 e 9 anos) numa Escola da Rede Municipal de Rio Claro – SP – Brasil, reportando-me ao Primeiro Capítulo: “Criar condições facilitadoras para a aprendizagem” de “Além dos Muros da escola” (Jolibert, 2006), concomitante com o Primeiro Capítulo “Nossas orientações de trabalho” e Segundo Capítulo “Vida cooperativa e pedagogia por projetos” da obra “Formando crianças leitoras” (JOLIBERT, 1994) que detalham esta iniciação com a Pedagogia por Projetos.

Para mobilizar o aluno é necessário desafiá-lo, estimulá-lo e estabelecer uma

relação significativa entre o sujeito e o objeto (CHARLOT, 2005).

Na sala de aula, questionei sobre o que pretendiam realizar na escola neste ano. Ao partir do interesse da criança oferecemos uma forma de atendê-las na sua realidade e anseios, vencendo aquilo que os professores mais questionam: a falta de motivação e participação nos trabalhos de sala de aula. Uma lista de intenções foi feita e ficou afixada na parede. Dentre algumas sugestões houve uma por poemas. Porém não sendo do agrado geral, pois achavam poemas “chatos”, busquei trazer textos poéticos para leituras em sala, despropositadamente, ao menos para eles.

Nessas leituras buscamos tirar indícios próprios deste tipo de texto para aprendermos como se: estrutura um poema, lê, compõe, reconhece (silhueta demonstrando título, autor, fonte, estrofes regulares ou não, versos com espaços à esquerda; rimas; redes lexicais); na busca de algumas reflexões: “Por que nos deparamos com este texto hoje?”; “A quem é direcionado?”; “Quais as sensações que provoca?”. As crianças se divertiram e então propus a produção de um poema e passamos a realizar um projeto, que intitularam “Poemar no Mar Azul”.

O planejamento do projeto foi feito coletivamente apresentado na forma de uma tabela, a fim de sintetizar todo o processo e melhor organização:

O que faremos? Um livro de poemas
Para quem? Para os visitantes da Casa Aberta e pais
Por quê? Aprender, diversão, expressar sentimentos,
outros lerem nossas idéias
Como? “A maneira de...”
Quando realizaremos? Maio/junho/agosto (duas vezes
por semana)
Quando será o evento? 16 de agosto

O processo de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita de poemas pautou-se pela proposta de Pedagogia por Projetos:

Diretrizes

- Situações favoráveis ao aprendizado de noções relevantes e de estratégias para a leitura e a produção de textos poéticos
- A leitura e a escrita em situações reais de comunicação
- A concretização de intenções em ações

Metodologia:

- Leitura silenciosa
- Leitura em duplas
- Interpretação e caracterização do texto (silhueta)
- Sistematização metacognitiva e metalinguística
- Estratégias para a produção dos poemas

Resultados:

- Trabalho mais significativo para o aluno
(com intenção real para as produções)
- Planejamento das ações
(importância de planejar antes de agir)
- Interação e colaboração de todos para o cumprimento dos prazos e realização das tarefas
(cobrando uns aos outros e a professora para o cumprimento das datas e tarefas)
- Maior diálogo, ajuda mútua e troca de experiências
- Apropriação dos saberes
(entendimento antes de memorização)
- Auto-estima e confiança em produzir texto poético

Para a escrita dos poemas, o auxílio surgiu da Segunda Parte do livro “Formando Crianças Produtoras de Texto” intitulada “Formando crianças leitoras e produtoras de poemas” (JOLIBERT, 1994, p. 181 – 322).

O primeiro impasse foi refletir como ser mediadora nestas produções, todavia o Nono Capítulo deste livro levanta uma proposta de trabalho com poemas escritos “à maneira de...” (p. 247), quando a criança produz um poema com base num autor/texto de referência. Nesta proposta, a criança que se inicia nesta experiência de poetar, desenvolve seu imaginário, pois a silhueta está, a princípio, salvaguardada.

As estratégias utilizadas durante a escrita dos poemas, foram por: “frases indutoras” (p. 241) e exercícios de “impulsão imaginária” (p.216).

Tomando-se como exemplo: no poema “Bolso de moleque” – Roberto Rosendo, retiramos a frase indutora: “No bolso de moleque tem/ No bolso de moleque tem” e as

meninas quiseram modificar para “Na bolsa de menina tem”. Eis a primeira estrofe do poema de uma das duplas de meninas:

Na bolsa de menina tem
Na bolsa de menina tem
As coisas bem engraçadas
(A.J. e A.S.)

Outro fator que recebeu atenção especial foram as estruturas da linguagem como as: enunciativas (pronomes, verbos, advérbios, adjetivos); léxico-semânticas; fônicas; rítmicas; gráficas; espaciais (p. 201); dando suporte para a produção de textos futuros, pois geraram ferramentas de metacognição e metalinguagem para outras consultas.

Para cada um dos sete poemas podiam ser trabalhadas estas microestruturas, como no poema de Elias José – “Perguntas e respostas cretinas” que tinham de encontrar um substantivo comum para rimar com um substantivo próprio, como:

- Você conhece a Marieta?
- Aquela que lhe fez careta?
(Elias José – Grifo nosso)

Assim estruturamos uma ferramenta, em formato de lista, para consultarmos as possíveis rimas e substantivos. O conteúdo que sempre está no Planejamento de qualquer professor de terceira série foi trabalhado de uma forma que os alunos pudessem apropriar-se dele pela reflexão e não apenas pela memorização.

No momento de classificarmos esses nomes em substantivos comuns/ próprios houve um pequeno desequilíbrio por parte das crianças e até uma insegurança minha em saber se, realmente, iriam aprender a classificar tais palavras. Porém quando elas começaram a escrever seus poemas ouvia-se: “Isso não é substantivo próprio, não é nome de gente e não se coloca letra maiúscula”; “Professora, perdão é um substantivo abstrato? Nós sentimos o perdão!”.

Alguns dos desafios na aplicação deste Projeto foram: lidar com as estruturas de linguagem nesta vertente; dar sentido ao texto sem perder as rimas e a importância do significado para uma boa leitura e escrita.

Neste trabalho, o movimento para tentar transpor a teoria para a prática parece ser muito tranquilo e simples.

Falsa impressão, pois não é simples a formação do docente e muito menos tranquila, é cercada de dúvidas: “Será que estou no caminho certo?; “Será que

realmente consegui atingir a proposta?"; "Os alunos não sairão prejudicados com toda esta transformação de minha postura?"; "E os conteúdos? E o tempo?".

As respostas vêm da interação com a teoria e compreensão de suas reais intenções, assim como das transposições que requerem muito empenho e norteiam o trabalho docente.

Transformar as práticas e desenvolver saberes pedagógicos apoiando-se em relação recíproca, indicam que a apropriação de conhecimentos teóricos em paralelo com as transformações das práticas pedagógicas coloca-se como alternativa a ser mais acentuada nas políticas públicas para a formação dos professores.

Referencial teórico

CHARLOT, B. *Relação com o saber, formação do professor e globalização: questões para a educação hoje*. Porto Alegre: Artemd, 2005.

JOLIBERT, J. *Formando crianças leitoras*. Trad. de Bruno C. Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

_____. *Formando crianças produtoras de textos*. Trad. de Walkiria N. F. e Bruno C. Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

_____. *Além dos muros da escola: a escrita como ponte entre alunos e comunidade*. Trad. de Ana Maria Netto Machado. Porto Alegre: Artes Médicas, 2006.

MICOTTI, M.C. DE O. Org. *Alfabetização: assunto para pais e mestres*. Rio Claro: Instituto de Biociências, 1998b.